

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## ANTIGUIDADES DE MONSANTO DA BEIRA.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1956 | Número: 66

---

### Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, Antiquidades de Monsanto da Beira. *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 407-425.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Antiguidades de Monsanto da Beira

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA

E

O. DA VEIGA FERREIRA

---

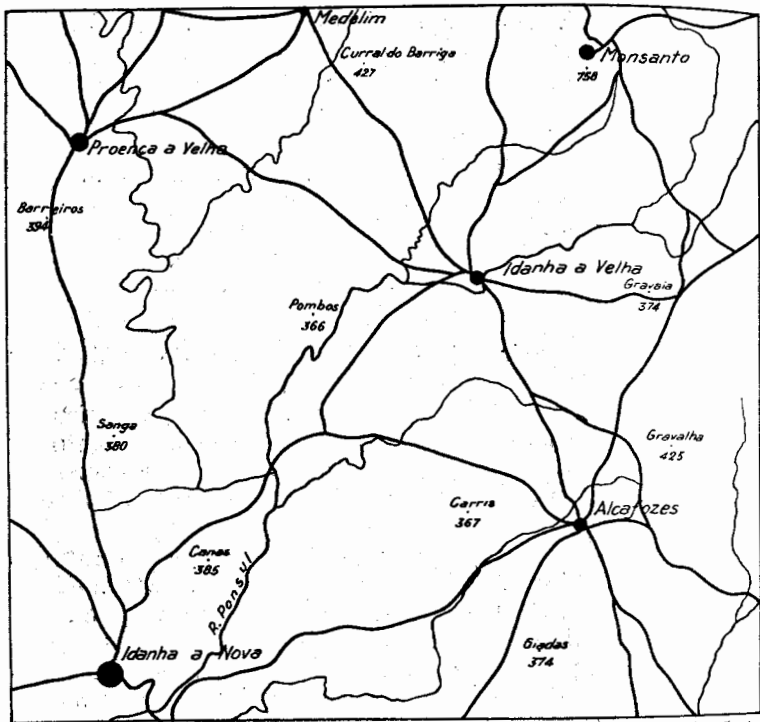
## I— Situação e notícia dos achados

Quem seguir pela estrada que leva de Medelim a Penha Garcia (distrito de Castelo Branco) encontrará, do lado esquerdo, um caminho vicinal a poucas centenas de metros antes do ramal para Monsanto; se tomar esse caminho e percorrer cerca de trezentos metros, irá dar a um sítio chamado Chão de S. Lourenço.

Vem-lhe o nome, segundo se afirma, de ter existido no local, sobre a pequena elevação formada pelo terreno, uma capela dedicada àquele santo mártir. Hoje não se veem ali mais que vagos restos de um edifício; a terra é cultivada e é bem conhecido o zelo com que, por toda a parte, os agricultores limpam o chão de qualquer pedra que estorve a relha do arado.

A cerca de trezentos metros para Nascente das ruínas foi encontrado, aproximadamente em 1920, um rico espólio, motivo principal destas notas e que, desde aquela data, é propriedade do Sr. Dr. José Trindade, de Monsanto. A uns cem metros a Poente das mesmas ruínas, ao fazer uma cova, em um terreno pertencente ao Dr. António Castiço, também de Monsanto, foram desenterrados no ano de 1955, quatro túmulos romanos, dos quais três de granito e o quarto de mármore.

Por este material ter sido encontrado bastante perto um do outro; por no terreno se verem silhares



J. Mourão, des.

0 5Km

Planta da região de Monsanto da Beira

de fábrica romana aproveitados nos muros das propriedades; e, ainda, por nesta zona da aldeia de Monsanto serem às dezenas as peças romanas encontradas, desde moedas a inscrições, etc., concluímos tratar-se da existência neste campo de um cemitério romano, onde houve um templo pagão transformado, segundo o costume, em capela, neste caso a capela de S. Lourenço.

O espólio acima referido foi todo encontrado na mesma sepultura: grande quantidade de cerâmica (entre a qual três lindas lucernas), um diadema de ouro lavrado, um brinco e um anel também de ouro e uma estatueta de barro representando uma mulher.

Juntamos a este conjunto um anel com sinete maravilhosamente burilado e duas moedas de ouro romanas. Infelizmente não se conhece o sítio exacto onde apareceram, mas apenas ter sido nos arrabaldes de Monsanto, pois o seu achador, ao vendê-los ao Dr. Trindade, também seu proprietário actual, não quis dizer onde os tinha topado, não fosse alguém encontrar ali mais objectos e privá-lo assim de novos proventos.

É de todo este material, e devidamente autorizados pelo seu proprietário, que vamos dar nota pormenorizada. Todo este rico espólio foi estudado em Setembro de 1955, enquanto procedíamos à 1.<sup>a</sup> campanha de escavações em Idanha-a-Velha, sob a égide do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, aproveitando um curto intervalo das mesmas.

## II—Arqueologia da região

A região onde se situa a alcandorada povoação de Monsanto é uma das mais ricas que se conhecem, sob o ponto de vista arqueológico. No seu termo têm sido encontradas todas as manifestações da ocupação humana desde remotíssimas eras, a começar pela própria aldeia de Monsanto, situada em um «dôme» granítico, onde têm aparecido objectos do mais alto valor arqueológico. Citamos por exemplo

uma colecção de denários (1), a valiosíssima colecção de jóias de prata do Museu de Castelo Branco (2) e, recentemente, a arrecada estudada e apresentada pelo ilustre investigador vimaranense Coronel Mário Cardozo ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, em Coimbra (1956).

Nas imediações da povoação de Monsanto, jazem as ruínas da lendária Igeditânia (?), ciosa de possuir a melhor colecção epigráfica romana conhecida no País, e cujas referências, além das do *Corpus I. L.* (3), se encontram espalhadas, em grande profusão, pelo *Archeólogo Português* (4) e reunidas, com outras inéditas, em volume publicado por um de nós (5).

Outra localidade importante nesta região é Medelim, onde o Dr. Félix Alves Pereira, explorou uma anta (6), encontrando um espólio muito curioso que encerrava contas de calafete, etc.

Também em Alcafozes existiu uma anta ou dólmen que, além doutros elementos, tinha duas curiosas e raras placas-ídolos (7). Em Idanha-a-Nova existiu outra anta que deu pelo menos uma placa-ídolo com ornamentação do tipo de faixas em xadrez (8). De resto, no capítulo dólmenes da região, basta consultar o trabalho de Tavares Proença sobre a

(1) CESAR PIRES — *O Archeólogo Português*, vol. IV 1898, Lisboa.

(2) LEITE DE VASCONCELOS — *O Archeólogo Português*, vol. XXIV, 1919-1920, Lisboa.

(3) EMÍLIO HÜBNER — *Corpus I. L.*, II, 1869, Berlim.

(4) Vide números de *O Arch. Port.*, com referência a Monsanto ou Castelo Branco.

(5) D. FERNANDO DE ALMEIDA — *Egitânia. História e Arqueologia*, 1956, Lisboa.

(6) F. ALVES PEREIRA — *O Arch. Port.*, vol. XXIX, 1930-31, Lisboa.

(7) D. FERNANDO DE ALMEIDA e O. DA VEIGA FERREIRA — *Placas de xisto antropomorfas do Museu Lapidar Igeditano (Idanha-a-Velha)*, «*Rev. de Guimarães*», vol. LXVI, 1956, Guimarães.

(8) GEORG e VERA LEISNER — *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*, 1951, Lisboa.



e sob muitas reservas, ser interpretada: a que começa por RO. Precede-a um sinal que parece indicar separação entre palavras, como a habitual folha de era, e assim poderia ser a primeira sílaba da palavra ROMA. No entanto quer-nos parecer que a inscrição indicaria o nome do proprietário do vaso; e nada mais que isto nos é lícito conjecturar.

À altura da asa existe um cordão em toda a volta do vaso.

**Medidas :**

abertura no sentido do bico — 100.<sup>mm</sup>  
 abertura no sentido transversal — 90.<sup>mm</sup>  
 espessura do gargalo — 3.<sup>mm</sup>  
 diâmetro (bojo) — 160.<sup>mm</sup>  
 fundo saliente; diâmetro — 6,5.<sup>mm</sup>  
 altura — 165.<sup>mm</sup>

2— Bilha (*lagoena*) de barro amarelado (Est. II, fig. 14), tipo vulgar em estações lusitano-romanas do séc. I A. D.

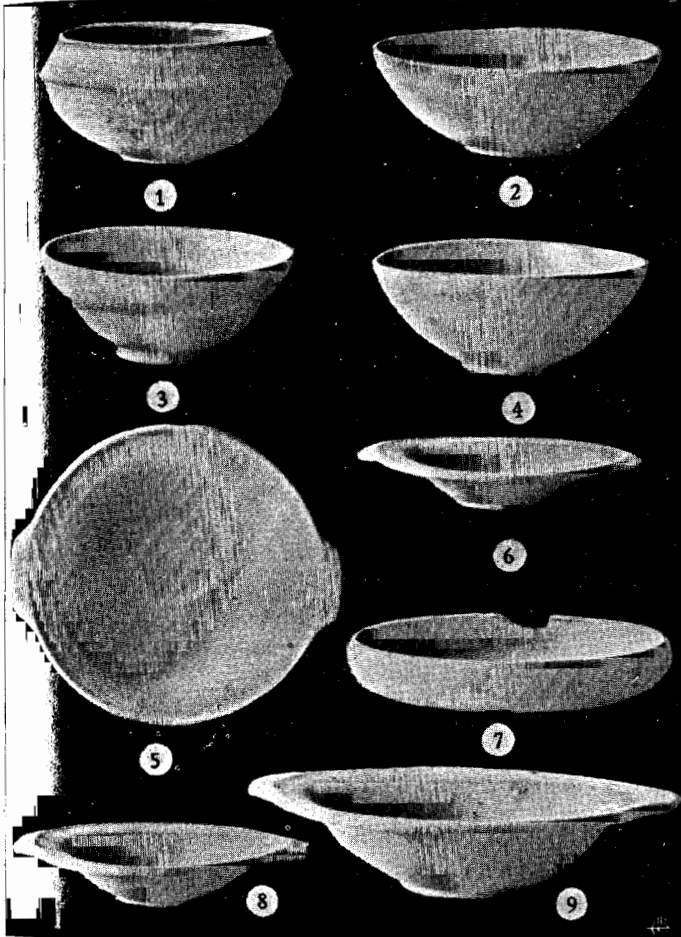
**Medidas :**

abertura — 50.<sup>mm</sup>  
 bojo — 150.<sup>mm</sup>  
 fundo saliente; diâmetro — 78.<sup>mm</sup>  
 altura — 220.<sup>mm</sup>

3— Bilha de bojo cilíndrico (Est. II, fig. 16).  
 Tipo vulgar nas estações lusitano-romanas desta época, barro vermelho claro com restos de engobe castanho.

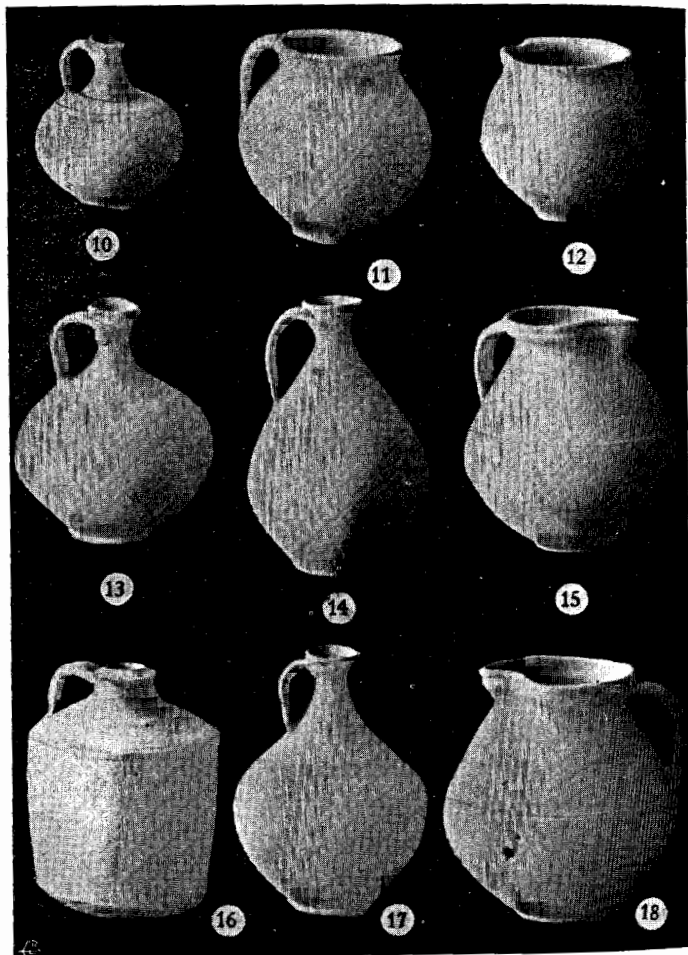
**Medidas :**

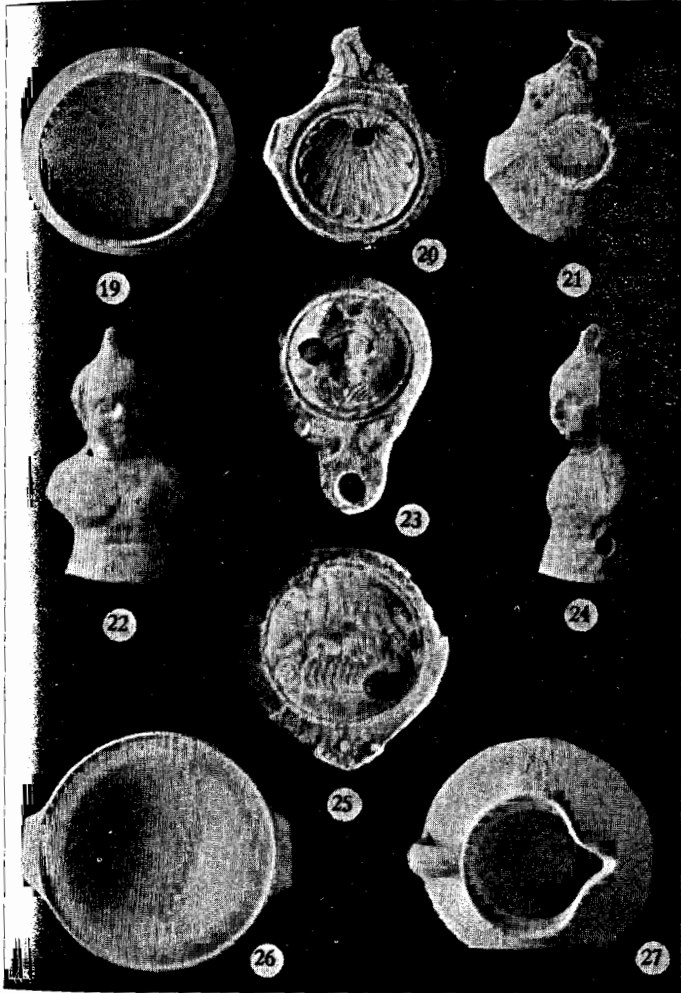
abertura — 22.<sup>mm</sup>  
 diâmetro do gargalo — 36.<sup>mm</sup>  
 diâmetro máximo — 105.<sup>mm</sup>  
 fundo raso; diâmetro — 75.<sup>mm</sup>  
 altura do gargalo ao bojo — 40.<sup>mm</sup>  
 altura do rebordo — 6.<sup>mm</sup>  
 altura total — 135.<sup>mm</sup>





Est. II





## 4 — Bilha de bojo cónico (Est. II, fig. 17).

Tipo que se encontra nas estações lusitano-romanas do Douro. (Vide *Portugália*, tomo II, fasc. 2 e 3).

Barro amarelado com restos de engobe vermelho. Gargalo com rebordo e sub-rebordo. Um centímetro abaixo da nascença da asa, há uma faixa pintada de vermelho formada por dois traços paralelos com *chevron* entre eles. Oito centímetros abaixo desta faixa há outra idêntica.

## Medidas:

altura do gargalo — 45.mm  
abertura externa do gargalo — 32.mm  
abertura interna — 10.mm  
espessura — 2.mm  
altura do rebordo — 6.mm  
altura do sub-rebordo — 6.mm  
fundo saliente; diâmetro — 50.mm  
diâmetro do bojo — 110.mm  
altura total — 150.mm

## 5 — Bilha de bojo semi-esférico (Est. II fig. 13).

Tipo igual ao anterior: idênticos motivos ornamentais. Barro amarelado com restos de engobe vermelho.

## Medidas:

altura do gargalo — 45.mm  
abertura externa do gargalo — 30.mm  
abertura interna do gargalo — 9.mm  
espessura — 2.mm  
fundo saliente; diâmetro — 53.mm  
diâmetro no bojo — 115.mm  
altura total — 135.mm

6 — Bilha. Tipo das anteriores, mas de menores dimensões (Est. II fig. 10). Barro amarelado com restos de engobe vermelho. Gargalo incompleto com rebordo e sub-rebordo. Motivos ornamentais: abaixo da asa existem duas faixas paralelas, pintadas

de vermelho; entre as faixas, e a intervalos regulares, círculos pintados da mesma cor.

Medidas:

diâmetro exterior do gargalo — 25,mm  
 diâmetro interior do gargalo — 12,mm  
 espessura do bordo — 2,mm  
 altura do gargalo — 33,mm  
 largura da faixa pintada — 7,mm  
 altura do rebordo e sub-rebordo — 10,mm  
 diâmetro do bojo — 85,mm  
 fundo saliente com sulco circular; diâmetro — 40,mm  
 altura total — 93,mm

7—Púcaro (Est. II fig. 11). Tipo vulgar de barro vermelho.

Medidas:

abertura da boca — 70,mm  
 altura do gargalo — 20,mm  
 diâmetro do gargalo — 66,mm  
 fundo saliente com sulco circular; diâmetro — 45,mm  
 diâmetro do bojo — 105,mm  
 altura total — 112,mm

8—Púcaro com duas asas (quebradas) Est. II fig. 12).

Barro vermelho claro, sem engobe. Perfil semi-cónico, de bojo saliente.

Medidas:

abertura da boca — 75,mm  
 fundo saliente com rebordo espesso; vestígios da roda de oleiro; diâmetro — 38,mm  
 altura total — 95,mm

9—Taça de «terra sigillata» (Est. I fig. 3).

Barro vermelho queimado, quase sem verniz. Vestígios de fogo junto ao fundo. Tem vestígios

de marca de oleiro, no fundo, pelo lado interno.  
Tipo n.º 27 de Dragendorff.

Medidas :

diâmetro na abertura — 148,mm  
fundo côncavo; diâmetro — 55,mm  
espessura do rebordo do fundo — 7,mm  
altura total — 60,mm

10 — Urna (Est. I fig. 1).

Barro castanho amarelado, com engobe castanho avermelhado; massa de barro fino, imitação de «terra sigillata». Gola saliente. Perfil de tipo argárico. Vestígios da roda de oleiro em todo o fundo, que é saliente, com sulco circular profundo com a seguinte sigla:  $\sphericalangle$

Medidas:

abertura — 123,mm  
diâmetro do fundo — 54,mm  
altura total — 70,mm

11 — Tigela (Est. I fig. 2).

Barro vermelho claro, fundo saliente, com sulco circular profundo.

Tem de um dos lados sigla de oleiro  $\sphericalangle$ .

Medidas:

abertura — 170,mm  
diâmetro do fundo — 57,mm  
altura total — 55,mm

12 — Tigela (Est. I fig. 4).

Semelhante à anterior, muito empenada na cozedura.

Medidas:

abertura maior — 160,mm  
abertura menor — 155,mm  
diâmetro do fundo — 52,mm  
altura total — 60,mm

13—Prato (Est. I fig. 7).  
De barro vermelho, com engobe castanho.  
Fundo plano.

Medidas:

abertura — 185,mm  
altura — 30,mm

14—Prato com duas pegas (Est. I fig. 5 e 9).  
Tipo de forma muito rara; de barro vermelho  
claro, de massa fina. Fundo saliente com sulcos  
profundos. Rebordo muito saliente.

Medidas:

abertura — 245,mm  
pegas — 15x70,mm e 15x70,mm  
diâmetro do fundo — 75,mm  
saliência do rebordo — 20,mm  
altura total — 60,mm

15 e 16—Dois pratos com pegas semelhantes  
às do anterior, mas ambos de menores dimensões  
(Est. I figs. 6 e 8). São de «terra sigillata». Um deles  
tem pela parte de dentro vestígios de marca de oleiro.  
Fundos salientes com sulco circular profundo. Rebor-  
dos muito salientes.

Medidas do primeiro:

abertura — 155,mm  
pegas — 13x50,mm  
diâmetro do fundo — 50,mm  
saliência do rebordo — 17,mm  
altura total — 33,mm

do segundo:

abertura — 151,mm  
pegas — 10x45,mm  
diâmetro do fundo — 52,mm  
saliência do rebordo — 16,mm  
altura total — 30,mm

## 17 — Estaquete (Est. III figs. 22 e 24).

Barro branco muito fino. Busto feminino, sem braços, seios desenvolvidos, cintura grossa, cabeça volumosa, pescoço grosso e atarracado, olhos grandes bem marcados, boca pequena, nariz grosso pouco saliente e desgastado, vestígios de penteado. Termina em cima por um pedúnculo perfurado, e na cintura, lateralmente, tem um furo de cada lado.

## Medidas:

altura máxima — 112,mm  
 espessura máxima — 40,mm  
 altura da cabeça — 50,mm  
 diâmetro transversal max. — 34,mm  
 diâmetro antero-posterior — 36,mm

18 — Lucerna de barro branco, fino, sem marca de oleiro (Est. III fig. 23). *Discus* circular e côncavo, com busto em relevo, bastante gasto; cabeça com ornamento (Mercúrio?). Sulco circular. Orifício do óleo descentrado; sem asa; *infundibulum* com sulco circular.

## Tipo:

Forma 78 Brit. Museum (Col. Walters).  
 Sec. I A. D.

## Medidas:

comprimento total — 90,mm  
 diâmetro do «*discus*» — 48,mm  
 comprimento do «*rostrum*» — 32,mm  
 diâmetro do gargalo — 30,mm  
 altura total — 26,mm  
 orifício do *oleum* — 10 × 10,mm  
 orifício da mecha alongado no sentido do *rostrum* — 10 × 11,mm

19—Lucerna de barro branco fino sem marca de oleiro (Est. III, fig. 25). *Rostrum* incompleto; *infundibulum* danificado; *discus* circular côncavo, com quadriga em relevo, desgastada (Apolo?). Orifício do *oleum* descentrado.

Tipo :

Forma 78 Brit. Museum (Col. Walters).  
Sec. I A. D.

Medidas :

comprimento total — 87,mm  
diâmetro do *discus* — 57,mm  
comprimento do *rostrum* — 52,mm  
altura total — 22,mm  
orifício do *oleum* — 9,mm

20—Lucerna de barro branco, fino, sem marca de oleiro (Est. III fig. 20 e 21); aletas laterais partidas e gastas; fundo saliente, muito gasto. *Discus* circular, côncavo, com sulco circular profundo; ornamentação do *discus* do tipo «concha»; orifício do *oleum* circular e descentrado em relação ao *discus*. *Rostrum* completo, curto, com orifício da mecha bem centrado; vestígios de fogo.

Tipo :

Forma 78 Brit. Museum (Col. Walters).  
Sec. I A. D.

Medidas :

comprimento total — 82,mm  
diâmetro do *discus* — 51,mm  
comprimento do *rostrum* — 25,mm  
transversal max. — 70,mm  
diâmetro do *infundibulum* — 27,mm  
orifício circular do *discus* — 8,mm  
orifício circular do *rostrum* — 10,mm  
altura total — 25,mm



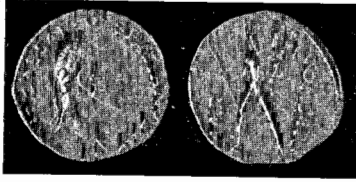


Fig. 1 — «Aureus» de Vespasiano (séc. I)

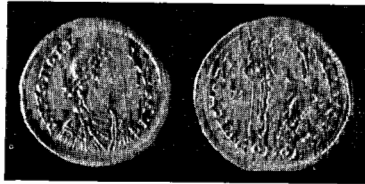


Fig. 2 — «Aureus» de Honório (séc. IV)

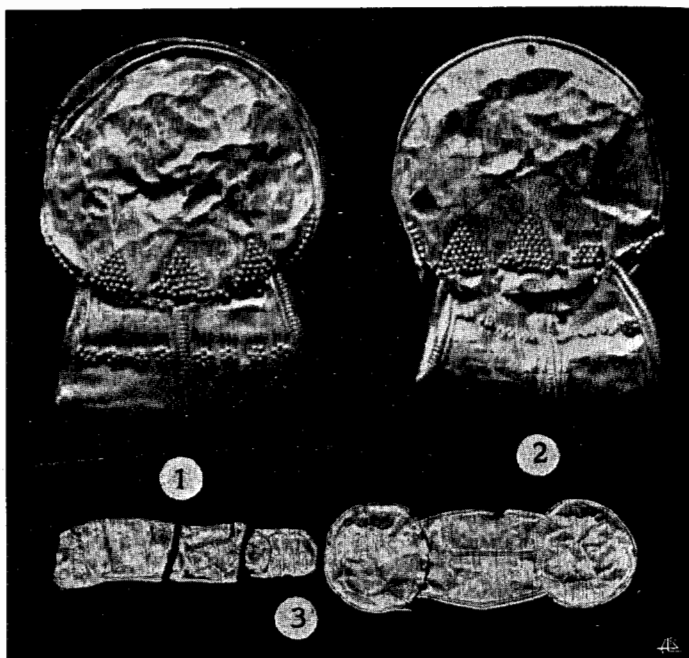


Fig. 3—N.os 1 e 2: Parte central do suposto diadema, em tamanho natural, tal como foi encontrada.

N.º 3—Redução da mesma parte, desdobrada, e com os restos que a acompanhavam.



Fig. 4—N.os 1 e 3: Anéis de ouro, em tamanho natural.

N.º 2: Brinco de ouro ( $\frac{1}{2}$  do tamanho natural).

B). Jóias e moedas

1—Diadêma (?) de ouro, incompleto (Fig. 3, n.ºs 1, 2 e 3) com o peso 28 grs. Compõe-se actualmente da parte central, que assentaria sobre a fronte (?), e de uma das fitas laterais. Ornamentado com três triângulos perlados de cada lado; no centro da placa, três cordões paralelos e em relevo, tudo cinzelado com perfeição. Em cada extremidade da placa, um furo onde se ligavam, por meio de fios de ouro ainda existentes, as fitas laterais ou «bandelettes».

Largura máxima 40<sup>mm</sup>.

2—Brinco de ouro; peso 2 grs. (Fig. 4, n.º 2). Compõe-se de uma argola que servia para enfiar na orelha e de dois cachos de pérolas terminados por um berloque de duas pérolas enfiadas numa pequenina argola. Brinco romano típico.

Comprimento — 50.<sup>mm</sup>

3—Anel de ouro; a pedra do engaste desapareceu. Peso 4 grs. (Fig. 4, n.º 3). Orifício da pedra elíptico.

dimensões — 9 × 7.<sup>mm</sup>

diâmetro maior da cavidade do engaste — 2.<sup>mm</sup>

diâmetro menor — 1,5.<sup>mm</sup>

Outras peças da colecção do Sr. Dr. José Trindade:

4—Moeda de ouro de Vespasiano. Séc. I; peso 8 grs. (Fig. 1).

*Anv.* IMP · CAESAR · VESPASIANVS · AV ·

cabeça laureada do imperador à direita.

*Rev.* lado esq. MAR e do lado direito CONSERV; a meio, Marte, nú, em pé, à direita, com trofeu e lança. Variante do n.º 745 de Teixeira de Aragão. Módulo 21<sup>mm</sup>.

5—Moeda de ouro de Honório. Sec. IV; peso 4 grs. (Fig. 2).

Anv. D N HONORIVS P F AVG

busto do imperador à direita com diadema e paludamento

Rev. VICTORIA AVGGG

o imperador de pé à direita com o estandarte e o globo tendo em cima uma Victória. O pé esquerdo sobre um cativo prostrado. No campo M D; no enxergo COMOB. Módulo 22<sup>mm</sup>.

6—Anel de ouro com pedra de opala cinzenta. Figura gravada em baixo relevo; representa um cavaleiro com lança a perseguir um animal (veado?) (Fig. 4, n.º 1).

Trabalho de grande perfeição e minúcia. Pedra elíptica; eixo maior—18.<sup>mm</sup>; eixo menor—15.<sup>mm</sup>. Peso do anel com a pedra—12 grs. Dimensões do aro—25X17.<sup>mm</sup>.

#### IV—Túmulos

Dos três túmulos de granito, referidos atrás (Fig. 5), todos de forma trapezoidal e tipo vulgar, apenas um apresenta uma particularidade interessante: forma antropomórfica com esboço interior para cabeça e ombros. Em um deles a tampa conservou-se intacta; mostra na parte superior uma moldura em relevo apresentando a forma de um Y (Fig. 5). Esta decoração típica, denominada de «estola», por vezes dupla, é muito importante porque define a era dos sarcófagos a que essas tam-

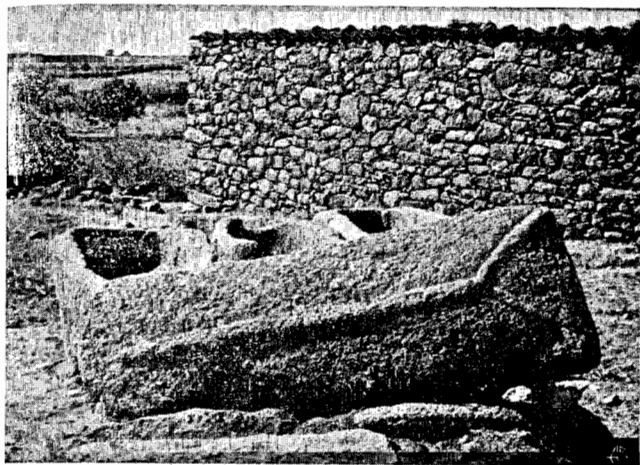


Fig. 5 — Os três túmulos de granito e a tampa de um deles.

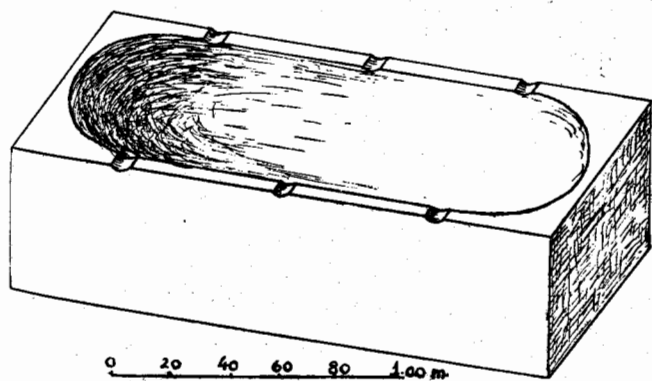


Fig. 6 — Túmulo de mármore, de S. Lourenço.

pas pertenciam, que têm sido seguramente datadas dos séculos VI ou VII (1).

Os túmulos continham vários ossos que os achadores meteram em um saco; os esqueletos deviam estar incompletos e quando os vimos, meses depois sobre o descobrimento, já não era possível um estudo sério.

### Túmulo n.º 1

comprimento interno — 1,<sup>m</sup>74  
 largura interna: pés — 0,<sup>m</sup>60; cabeceira — 0,<sup>m</sup>28x0,<sup>m</sup>15  
 altura — 0,<sup>m</sup>45  
 profundidade — 0,<sup>m</sup>32  
 espessura (variável) — 0,<sup>m</sup>09 a 0,<sup>m</sup>11.

### Túmulo n.º 2

comprimento interno — 1,<sup>m</sup>76  
 largura interna: pés — 0,<sup>m</sup>40; cabeceira — 0,<sup>m</sup>60  
 altura — 0,<sup>m</sup>50  
 profundidade — 0,<sup>m</sup>32  
 espessura — 0,<sup>m</sup>10

### Túmulo n.º 3

comprimento total — 1,<sup>m</sup>74  
 largura interna: pés — 0,<sup>m</sup>40; cabeça — 0,<sup>m</sup>60  
 altura — 0,<sup>m</sup>56  
 profundidade — 0,<sup>m</sup>40  
 espessura — 0,<sup>m</sup>10

### Túmulo de mármore sacaroide (Fig. 6):

Paredes lisas, sem qualquer lavor; mármore branco de grão fino, constituído por uma peça única escavada em um bloco. Trabalho perfeito, visto a

(1) Vide Manuel Chamoso Lamas, «Excavaciones arqueológicas en la Catedral de Santiago», in *Rev. Compostellanum*, Santiago de Compostela, 1956, vol. I, n.º 2, pág. 365 (21).

espessura das paredes ser nos topos de 3.<sup>cm</sup> e nos lados 4.<sup>cm</sup>. O sistema de cobertura era o de *tegulae*, dispostas de modo a formarem duas águas com fechamento por meio de *imbrices*.

Os bordos laterais do túmulo têm de cada lado, e simetricamente, três entalhes que serviam para a colocação dos travessões e suportar as *tegulae*.

comprimento exterior — 1,<sup>m</sup>93

largura exterior — 0,<sup>m</sup>60

altura exterior — 0,<sup>m</sup>52

espessura das paredes nos topos — 0,<sup>m</sup>03

espessura das paredes nos lados — 0,<sup>m</sup>04

## V — Considerações finais

O conjunto encontrado na sepultura do Chão de S. Lourenço corresponde, cronologicamente, ao séc. I A. D. Um dos elementos seguros para assim o datarmos é constituído pelas três lâminas. Efectivamente, embora de tipos diferentes, são todas datadas do séc. I A. D. e, uma delas (Est. III, fig. 25) poderá mesmo atingir o século seguinte.

Outro elemento de valor para a cronologia é a taça de «terra sigillata» (Est. I, fig. 3), forma n.º 27 de Dragendorff, vulgar em cemitérios da mesma época. Também a *lagoena* cilíndrica (Est. II, fig. 16) acompanha com muita frequência os espólios deste período.

De resto, não admira o encontrarem-se com frequência elementos do período romano nos arredores de Monsanto, pois sabemos como toda a vasta zona em que se encontra era ocupada pelos «Igaeditani», que tinham como lugar principal e marcante em toda a região a «Civitas Igaeditanorum» fundada com todas as probabilidades nas últimas décadas do séc. I a. C. e que, pelo menos nos primórdios do séc. II A. D., já era sede de um importante município romano.

Sobre as jóias que têm aparecido nesta área ressaltam o anel de ouro com sinete, representando, em desenho delicado, uma cena de caça ao veado (?) que, pelo trabalho e perfeição e, por comparação com outros anéis da mesma época encontrados no país, especialmente os do Alentejo, nos parece pertencer a um período mais tardio.

A peça que julgámos ter feito parte de um diadema, pelo menos na sua zona central, e que foi encontrada na sepultura com elementos do séc. I A. D., tem analogias, na sua ornamentação, com os colares lamini-formes do tesouro do Álamo (Moura) (1) os quais, segundo o Padre Jalhay, deveriam ter feito parte da nossa ourivesaria proto-histórica, de final do período de Halstatt ou princípios da romanização da Península.

Os túmulos são posteriores à data do espólio da sepultura de incineração de que tratámos; pelo menos pertencem a um período nitidamente de inumação. Como é sabido, este rito radicou-se com o Cristianismo, embora nos princípios do séc. I ainda persistisse o rito de incineração.

Agradecemos ao Dr. José Trindade, companheiro de Leite de Vasconcelos e de Félix Alves Pereira, as gentilezas que permitiram a recolha de elementos para a elaboração deste trabalho; e ao Dr. António Castiço, as facilidades concedidas para o estudo dos túmulos encontrados na sua propriedade e que, ciosamente, preserva de destruição certa.

---

(1) MANUEL HELENO — *Jóias pré-romanas*, «Ethnos», I, pág. 229, figs. 7 e 11, 1935, Lisboa.



## BIBLIOGRAFIA

Além dos trabalhos já mencionados, juntamos, por ordem alfabética, mais os seguintes:

- FERREIRA DE ALMEIDA, F. A. (1952) — *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*. Lisboa.
- FORTES, JOSÉ (1906) — *Necrópole lusitano-romana da Lomba*. PORTUGÁLIA. Tomo II, pág. 252.
- GIL FARRÉS, O. (1947-1948) — *Lucernas romanas decoradas del Museo Emeritense*. AMPÚRIAS, vol. IX-X, Barcelona.
- JALHAY, EUGÉNIO (1931) — *O tesouro do Álamo (Moura-Alentejo)*. Lisboa.
- PELAYO, QUINTERO (1946) — *Collección de lucernas — Museo arqueológico de Tetuán (Marruecos)*. MÈM. DE LOS MUSEOS ARQ. PROV. vol. VI. Madrid.
- RICARDO SEVERO (1906) — *Necrópoles lusitano-romanas de inuação*. PORTUGÁLIA. Tomo II, págs. 417.
- RICH, ANTHONY (1861) — *Dictionaire des antiquités Romaines et Grecques*. Paris.
- TEIXEIRA DE ARAGÃO (1870) — *Moedas romanas do gabinete numismático de D. Luís I*. Lisboa.
- VIANA, ABEL (1950) — *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas (Portugal)*. TRAB. ANTROP. E ETNOLOG. Vol. XII. Porto. — *Necrópolis celtico-romanas del concejo de Elvas (Portugal)*. ARCH. ESP. DE ARQUEOLOGIA, n.º 80, Madrid.
- VIANA, ABEL & DIAS DE DEUS, A. (1950) — *Nuevas necropolis celto-romanas de la región de Elvas (Portugal)*. ARCH. ESP. DE ARQUEOLOGIA. Madrid.